

GT – ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO
Modalidade da apresentação: Comunicação oral

**AS CONTRIBUIÇÕES DE PEIRCE E SAUSSURE PARA A LINGUAGEM
DOCUMENTÁRIA**

Ayano da Rocha Alves¹
Emerson Lucas Morais de Lima²
Fernandes Soares Barbosa Filho³

RESUMO

Sabendo que as articulações dos significados em meio as linguagens documentárias pode levar a uma ineficiência na recuperação da informação, foi feita uma revisão de literatura onde é apresentado como a Semiose de Saussure e a Semiótica de Peirce modelaram os métodos de Análise Documentária, visando diminuir os ruídos atrelados aos vários códigos simbólicos, extremamente relevantes, para a identificação dos documentos, bem como ao atendimento eficiente das necessidades informacionais dos usuários. As linguagens documentárias surgem no contexto de solução para problemas relacionados a vocabulário pela Linguística, e na Estatística foi usado como ferramenta de apoio. Este trabalho tem como objetivo entender como Peirce e Saussure contribuíram para a Linguagem Documentária e para tanto, utilizada a metodologia de pesquisa Qualitativa como tipo de pesquisa descritiva. A comunicação mediática é interdependente de vocabulários controlados para uma eficiente veiculação nos sistemas. Se os catálogos e índices forem apenas listas de palavras isoladas, dificilmente essa mediação se fará de forma consistente. Não há como realizar essa tarefa sem recorrer aos referenciais semiológicos e semióticos, entender a análise documentária, conhecer a tipologia de linguagens documentárias, saber quais elementos compõem, suas funções, bem como suas relações de hierarquia e equivalência, regras de sintaxe e semântica.

Palavras-chave: Análise documentária. Linguagem documentária. Semiose. Semiótica.

1 INTRODUÇÃO

Para uma inserção adequada de informações bibliográficas em uma base de dados e sua posterior recuperação eficiente da informação é de fundamental importância que linguagens documentárias sejam utilizadas. A tradução de texto da linguagem natural ou especializada para uma linguagem documentária conhecida também como vocabulário controlado está conectada a significação ou simbolização, que é um processo o qual procura expressar o raciocínio por meio de um sistema simbólico. A partir da ideia de significação, Lara (1993) discorre em seu artigo sobre a

¹ Discente em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

² Discente em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Discente em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

problemática de "como representar adequadamente as informações sem comprometer o seu significado?". Desse modo, sabendo que as articulações dos significados em meio as linguagens documentárias podem levar a uma ineficiência na recuperação da informação, foi feita uma revisão de literatura onde é apresentado como a Semiose de Saussure e a Semiótica de Peirce modelaram os métodos de Análise Documentária (AD), visando diminuir os ruídos atrelados aos vários códigos simbólicos, extremamente relevantes, para a identificação dos documentos, bem como ao atendimento eficiente das necessidades informacionais dos usuários. Dar significado a palavras pode ser em três fases, na primeira, as palavras são isoladas, desvinculadas de texto ou qualquer coisa, os significados variados tem base nas possibilidades virtuais de associação sem ocorrências idênticas dos significantes. Na segunda fase, estão as frases e ocorrências semelhantes com possibilidade de diferentes significados. Na terceira fase, as palavras se inserem em certos contextos e ocorrências semelhantes, a variação de interpretação das palavras passa a depender da familiaridade que se tem em relação ao assunto, o que dá significado às palavras é a condição de certos contextos. As linguagens documentárias surgem no contexto de solução para problemas relacionados a vocabulário pela Linguística, e na Estatística foi usado como ferramenta de apoio e como consequência surgiu a Bibliometria bem como afirma Cintra *et al.* (2002, p.33-34):

Com os estudos de Linguística esperava-se resolver problemas de vocabulário, tendo em vista a construção de instrumentos mais adequados. Estes estudos levaram a análises de conteúdos da Linguagem Natural - LN, a buscas de métodos de padronização relativos à passagem da LN para a LD, ao estabelecimento de mecanismos para a estruturação de campos semânticos, de campos associativos e de categorias funcionais. A Estatística, por sua vez, foi tomada como instrumento de apoio, tendo em vista determinar frequências de descritores, mapeamento de ocorrências e análise de citações, o que levou ao desenvolvimento da Bibliometria.

Este trabalho tem como objetivo entender como Peirce e Saussure, contribuíram para a Linguagem Documentária (LD), foi utilizada a metodologia de pesquisa Qualitativa como tipo de pesquisa descritiva.

2 ALGUMAS DEFINIÇÕES E AS RESPECTIVAS CONTRIBUIÇÕES

2.1 ANÁLISE DOCUMENTÁRIA

A análise documentária se define como uma atividade metodológica específica da Documentação é um conjunto de processos para que o conteúdo de documentos seja expresso do modo que facilite a recuperação da informação, tanto manualmente quanto automaticamente, a análise documentária cria léxicos de base ou medianos preenchendo o papel de sistemas que convertem conceitos independentemente em linguagens e conceitos de leitura universal da análise documentária. Para recuperar a informação, necessitaria de duas funções, uma nova atribuição à análise documentária nas Ciências Humanas é que ela teria função de analisar a estrutura dos discursos e analisar de que modo estes contribuem para essa ciência.

2.2 LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA

Para entender as linguagens documentárias é preciso, no entanto, de uma breve definição, segundo Cintra *et al* (2002, p.34-35):

[...] as LDs são, pois, instrumentos intermediários, ou instrumentos de comutação, através dos quais se realiza a "tradução" da síntese dos textos e das perguntas dos usuários. Esta "tradução" é feita em unidades informacionais ou conjunto de unidades aptas a integrar sistemas documentários. A formalização das perguntas dos usuários é feita na linguagem do próprio sistema. É por esta razão que as LDs podem ser concebidas como instrumentos de comutação documentária.

A construção de linguagens próprias foi a solução para a mudança de enfoque da recuperação da informação, devido a dificuldade de armazenar e recuperar informação com o crescente conhecimento tecnocientífico. Surgem as linguagens documentárias para cuidar disso, são elas linguagens para indexação, armazenamento e recuperação da informação, que são sistemas de símbolos a traduzir o conteúdo de documentos. As linguagens documentárias possuem um *status* bem particular da linguagem, que através delas se representam as

informações nos textos e facilitam a comunicação para contextos documentários, ou seja, usuário-sistema.

Segundo Gardin (1968) *apud* Cintra (2002), uma LD é composta de três elementos que são um léxico, uma rede paradigmática e uma rede sintagmática. Um léxico, uma lista de descritores filtrados e refinados; uma rede paradigmática traduz relações entre os descritores, ordenada de forma lógico-semântica, ou seja, uma organização de descritores numa forma de classificação; uma rede sintagmática expressa as relações entre os descritores no contexto em que aparecem, regras sintáticas coordenam os termos que dão conta do tema e a partir delas são construídos sintagmas.

Algumas linguagens documentárias foram criadas para organização documental em estante, com função de representação diferente. Uma linguagem documentária se estrutura nas relações hierárquicas, são elas genéricas, específicas ou partitivas. Dependendo do caso, o nível mais alto da hierarquia é o gênero ou o todo. As subdivisões na hierarquia são as partes que podem se subdividir novamente. As relações hierárquicas criam as unidades superordenadas e as subordinadas. Quando no mesmo nível de cadeia, as unidades subordinadas são coordenadas.

As linguagens documentárias também apresentam unidades com relações não-hierárquicas que são as associativas. As relações não-hierárquicas mostram a ligação entre termos de campos semânticos diferentes e próximos. As LDs também dispõem de relações equivalentes para permitir a entrada no sistema, no nível de sinonímia e polissemia.

2.3 AS CONTRIBUIÇÕES DE PEIRCE E SAUSSURE PARA AS LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS

Segundo Costa *et al* (2018, p.3) *apud* Medeiros (201-, p.1) afirma que "semiótica é a ciência dos signos e dos processos significativos na natureza e na cultura. É a ciência que tem por investigação todas as linguagens e processos comunicativos possíveis." Blackburn (1997, p. 355), afirma que a Semiótica é "o estudo geral dos sistemas simbólicos." Dentre as vertentes da semiótica, tem-se a semiótica peirceana. Na teoria peirceana os elementos são identificados como signo,

objeto e interpretante. A semiótica estuda a representação, signo é aquilo que sob algum aspecto representa algo para alguém. Na mente, o primeiro signo cria um signo equivalente a si mesmo, que é o interpretante e ele representa o objeto. Com a semiótica, é possível descrever os aspectos importantes de várias representações simbólicas na análise documentária.

Segundo Oliveira (2015), os processos da análise documentária podem ser complexos, visto que as formas de linguagem vão além da escrita. Atualmente, é passível de análise: a linguagem escrita, a linguagem verbal ou não verbal, rádio, linguagens híbridas, arte, literatura, linguagem visual, imagens, publicidade, dança, artes plásticas e teatro. Para que tal análise venha ocorrer é fundamental a utilização da semiótica, bem como da semiologia, pois sem elas existe um índice alto de possibilidade de avaliações com resultados vagos. Desse modo, por meio dessa perspectiva, o presente artigo apresenta a seguir por quais realidades a ótica de Saussure e Peirce se direcionam, ao propor modelos que representam as informações e seus significados de maneira adequada, métodos os quais servem de embasamento teórico aos analistas da informação e entre outros profissionais.

Saussure, linguista e filósofo suíço (1857-1913) explica que as hipóteses em torno do contexto é que criam o objeto. O signo é arbitrário, imotivado, convencional. Nesse sentido, as interações entre significado e significante é arbitrária, mental. Para o filósofo, o que realmente importa é a função comunicativa, ou o funcionamento dos signos no seio da vida social: o que constituem os signos e que leis os regem. O arbitrário de Saussure é apresentado por Lara (1993, p.3) a seguir:

Ao postular a arbitrariedade do signo, Saussure permite que a AD compreenda que as construções documentárias são essencialmente fundamentadas institucionalmente, refletindo as convenções da língua e do paradigma ideológico que sustenta as definições e a organização das LDs.

Peirce, filósofo e matemático americano (1839-1914), por outro lado, afirma que o importante é saber como existe comunicação sem interlocutores. Segundo Peirce (1999), existem três ordens simbólicas, que correspondem, mais ou menos, a três estágios da imaginação. O entendimento de uma expressão pode compreender:

uma intimidade com a palavra, no que se refere a sua aplicação adequada ao discurso; uma avaliação abstrata do conceito ou compreensão de seus contatos intelectivos com outras concepções; uma clareza do presumível resultado singular e prático da asserção do conceito. "Uma palavra possui um significado, para nós, na medida em que somos capazes de apreender o conhecimento que outros procuram comunicar-nos." Peirce, afirma ainda que esse é o nível mínimo do significado. "O significado de uma palavra é, de forma integral, a junção das totais predições condicionais pelas quais o sujeito que a aproveite objetiva ser responsável ou procura negar. Essa finalidade racional ou meio racional na utilização da palavra é o seu segundo nível de significado. No entanto, além das implicações resultantes com as quais racionalmente se responsabiliza o sujeito que assenta uma palavra, há um vasto âmbito de impactos imprevisíveis que o assentimento da expressão está designada a não exclusivamente implicações e conhecimento, mas, possivelmente, movimentos revolucionários na sociedade. Exemplificar o poder compreendido numa palavra ou numa frase, com objetivo de mudar a face do mundo é impossível: e a somatória destas decorrências definem o terceiro nível do significado."

Segundo os níveis de racionalização, Peirce (1999), afirma que um signo – é uma expressão – evoca níveis de primaridade (sentir), secundidade (identificar), terceridade (raciocinar): inicialmente, o sujeito que se entrega ao objeto para conhecê-lo, percebendo algo; em um segundo momento, dá-se a separação sujeito/objeto, para identificar o processo; em um terceiro momento, dá-se a mediação entre aquilo e algo conhecido.

A visão semiológica objetiva ser global e genérica, sem se limitar, a priori, sobre fenômenos que abrangem obrigatoriamente a comparência de um símbolo qualquer que seja. Para Saussure, o foco é compreender a equivalência dos signos. Para Peirce, é crucial determinar a natureza essencial e as variedades fundamentais de toda semiose possível.

Para a análise documentária, prática metodológica na qual se incorpora o debate referente às representações documentárias (as quais as LDs é um de seus produtos), as divergências e convergências entre Saussure e Peirce não definem

mudanças impactantes desde que se classifique tais considerações como suplementares. Para a AD, não é a análise do símbolo em si que nos remete o foco, na verdade, a junção dos pensamentos que favorecem raciocinar hipotética e produtivamente a temática da formação e sentido do símbolo documentário. Dessa forma, a adaptação de componentes dos debates de Saussure e Peirce precisam nortear as métricas e os estabelecimentos de um símbolo documentário representativo e produtivamente eficiente.

Por meio de Lara (1993, p.3), embasada pelos argumentos de Bakhtin (seguidor de Saussure), o qual diz que a "palavra" ou expressão é "neutra" , ou seja, pode-se afirmar que as palavras nas LDs atribuem-se de significados intrínsecos às particularidades institucionais que estão vinculadas, sem o contexto, as expressões não podem, ainda, ser consideradas sólidas. As LDs refletem, assim, determinados paradigmas que são, por sua vez, transferidos aos produtos que estão sujeitos à sua intermediação. Lara (1993, p.3) afirma também que as reflexões de Saussure e seus seguidores possibilitam analisar uma perspectiva da LD como uma ferramenta por meio do qual se recupera apenas vagamente o "sistema gramatical virtualmente existente em cada cérebro". Uma LD não é um idioma, mas uma construção mediana. É preciso pesquisar, dessa forma, e localizar as suas métricas, muito embora se deseje que ela funcione proximamente à língua, reproduzindo, ao máximo, as articulações que lhe são características.

A semiótica de Peirce alude a importância de refletir, bem como investigar a essência singular da semiose documentária: projetado o seu caráter representativo dos procedimentos documentários, a semiose não terá êxito por acaso, na verdade, ela precisa estar justificada em princípios, como em padrões terminológicos que, no que lhe concerne, destinam-se a disposições teóricas de uma esfera específica da especialidade. Em um vocabulário controlado de um certo ramo do conhecimento, a "interpretação" de traidores precisa, obrigatoriamente, estar conectada aos códigos simbólicos estabelecidos na esfera da compreendida especialidade. No entanto, em contrapartida Lara (1993, p.3) afirma que:

Geralmente, as representações documentárias, obtidas a partir do uso de LDs tradicionais, impõem uma "camisa-de-força" à semiose, determinando, de forma rígida, os elementos da relação triádica. É o que acontece, por exemplo, quando a equivalência lexical (identificação da palavra com o conceito, baseada na semelhança formal entre as palavras) é a base da construção e do uso de tais instrumentos de indexação.

A integração da pragmática na semiótica peirceana para idealizar o "lado executivo" do processamento simbólico envolve o entendimento do signo documentário como um código de controle do significado, que só terá bom desempenho como componente representativo da informação, possibilitando assim a "semiose documentária", contanto que o contexto em que está alocado seja concebível. Vinculado a esse contexto, Lara (1993, p.3) outra vez regressa às ideias de Peirce acerca da interpretação de uma sentença (ou qualquer outro signo) expondo que a pessoa que interpreta uma sentença "deve ser determinada pelo seu objeto através de uma observação colateral totalmente independente da ação do signo. Senão, ela não será estabelecida a pensar nesse objeto". No que concerne a elaboração de LDs, a experiência colateral é, geralmente, insatisfatória, uma vez que é particularmente direcionada à especialidade da documentação. A experiência colateral é crucial para o desenho global de tais ferramentas intermediárias em função do conhecimento do domínio dos acervos, objetos de representação, bem como da familiaridade com os hábitos e necessidades do usuário. Entretanto, ela é insuficiente para dar conta da veiculação da significação nos diversos domínios de especialidade.

A "semiose documentária" também pode ser acionada de forma desorganizada, evocando interpretantes previstos e não previstos relativamente ao mapa conceitual da área ou domínio a saber da LD. Tal é o caso das LDs construídas com base na frequência dos termos na literatura, na suposição de que a "garantia literária" possa referendar a interpretação conceitual da área.

O desenvolvimento de LDs, portanto, é uma atividade pluridisciplinar, necessitando compreensão e conhecimento de inúmeros âmbitos. Já no caso da representatividade documentária, é importante que a "experiência colateral" tenha

concebido circunstâncias para a percepção dos contextos onde se submetem, bem como a simbolização que elas transmitem.

Para a interpretação das representações documentárias, por outro lado, (incluído aqui o primeiro usuário, o documentalista), é necessário que a experiência colateral tenha criado condições para a compreensão dos contextos onde elas se inserem, bem como a significação que elas veiculam. Nesse sentido, Lara (1993, p.4) afirma:

A experiência colateral na interpretação de representações, portanto, é dependente, além da explicitação do contexto, da existência de uma fundamentação no campo conceitual do domínio específico, a ser considerada na construção da LD e a ser interpretada pelo especialista do mesmo domínio.

Essa justificação está nas terminologias de especialidade, e é por esse motivo que elas devem ser incorporada à formação de tais ferramentas mediadoras. A terminologia trabalha, neste contexto, como fonte de interpretação simbólica, pois é passível de prover o "conhecimento colateral" proporcional ao âmbito de especialidade. Desse modo, a terminologia supre a demanda de elementos para a interpretação sólida das representações documentárias. "Signo algum pode ser entendido... a menos que o intérprete tenha uma 'familiaridade colateral' de cada um de seus objetos" (PEIRCE, 1980, p.100-124; grifos do autor)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação mediática é interdependente de vocabulários controlados para uma eficiente veiculação nos sistemas. Se os catálogos e/ou índices forem apenas listas de palavras independentes, dificilmente esse canal se fará de forma consistente. É indispensável, portanto, aplicar-se eficientemente na identificação sobre a essência e as propriedades desse "signo" singular, bem como estabelecer as peculiaridades da "semiose documentária". Torna-se inviável cumprir essa tarefa sem submeter-se aos referenciais semiológicos e semióticos, compreender a análise documentária, dominar a tipologia de linguagens documentárias, conhecer quais elementos compõem, suas funções, relações de hierarquia e equivalência, regras de

sintaxe e semântica. A Linguagem Documentária como um instrumento, é importante entender sua forma de operar dentro de suas especificidades.

REFERÊNCIAS

ANÁLISE documentária. In: CUNHA, I. M. R. F et al. **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília: IBICT, 1987. Cap. 3. P. 37-60. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/1011/1/An%C3%A1lise%20document%C3%A1ria.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009. 203 p.

BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

COSTA, A. C. N. da et al. **Análise documentária da fotografia**. 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0BzfBSpn2jgYIS2JZeHZpbjJCU2Z5SXhpTnpvekZLa1pSQ3Rr/view>. Acesso em: 20 jun. 2018.

CROS, R.-C.; GARDIN, J.-C.; LÉVY, F. **L'automatisation des recherches documentaires: un modele général "Le SYNTOL"**. 2. ed. revue et augmentée. Paris: Gauthier-Villars, 1968.

LARA, M. L. G. de. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. **Ci. Inf.** Brasília, v. 22, n. 3, p. 223-226, set./dez. 1993. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/480>. Acesso em: 20 jun. 2018.

LINGUAGENS documentárias. In: CINTRA, A. M. M et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. São Paulo: Editora Polis, 2002. Cap. 2. p. 33-42. Disponível em: http://abecin.org.br/data/documents/CINTRA_et_al_Para_entender_as_linguagens_documentoarias_2_ed.pdf. Acesso em: 20 jun. 2018.

MEDEIROS, D. P. **Semiótica: Teoria e classificação dos signos**. 201-. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2895111/mod_resource/content/1/Apostila de semiótica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2895111/mod_resource/content/1/Apostila_de_semiotica.pdf). Acesso em: 15 jun. 2018.

OLIVEIRA, V. S. Os procedimentos de análise semiótica e de análise documental: uma comparação. In: SEMINÁRIO CIENTÍFICO – ARQUIVOLOGIA E BIBLIOTECONOMIA, 4., 2015, São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo: Unesp, 2015. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/seminariodearquivologiaebibliotekonoma/oliveira-v.s.almeida-c.c..pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.

PEIRCE, C. S. **Escritos colegiados**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1980. 166 p. (Os Pensadores).



PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. 9 p. (Coleção Estudos).
SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2004. 279 p.